

RITA HIMMEL

rita.himmel@ua.pt

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

# TRANSCENDER A CULTURA: PODERÁ A EUROPA SER UM MODELO DE CONVIVÊNCIA ATRAVÉS DA DIFERENÇA?

## RESUMO

É frequente ouvir-se teóricos e *opinion makers* afirmar que a Europa, mais concretamente a União Europeia, deveria ser vista como um potencial paradigma, a nível global, de uma comunidade pós-nacional baseada num modelo de convivência pacífica através da diferença, da *allgemeine Vereinigung der Menschheit* [unificação universal da Humanidade], de Immanuel Kant. Uma união cuja riqueza e potencial de prosperidade reside exatamente na sua diversidade.

Todavia, eventos recentes demonstram o crescimento de um sentimento de contestação da diferença (tal como o movimento Pegida contra requerentes de asilo e refugiados na Alemanha). Estamos, atualmente, a experienciar um momento em que o modelo ideal de uma sociedade capaz de “thriving-through-variety” (Bauman, 2013) parece contrastar com uma realidade em que atos de contestação da diferença se tornam cada vez mais frequentes. Este texto explora a ideia de que a incapacidade de concretizar um modelo de sociedade transcultural existe, mais do que por falta de vontade política, devido a uma conceção de cultura nacional que impossibilita a criação do tal modelo idealizado.

Esta reflexão será feita através da análise da ideia de Zygmunt Bauman da Europa como uma potencial referência global, e do confronto desta mesma análise com os enquadramentos teóricos acerca de sociedades baseadas nesse modelo de diversidade, como o de transculturalidade de Wolfgang Welsch, completada com uma breve análise empírica do conceito de cultura utilizado nos média. Pretende-se desenvolver a ideia de que a prosperidade através da diferença apenas pode ser atingida se o atual conceito de cultura, e de culturas nacionais, for ultrapassado.

## PALAVRAS-CHAVE

Cultura; cosmopolitismo; transculturalidade; Europa

---

A Europa é frequentemente retratada como um exemplo de modelo de sucesso de convivência e prosperidade baseadas na diferença, tanto por decisores políticos como analistas e académicos. Um dos nomes que defende a posição privilegiada da Europa quanto à possibilidade de se tornar um modelo a seguir nesta matéria é Zygmunt Bauman (2013). Para o autor, a integração europeia necessita de uma missão comum, e essa missão deve ser a de se apresentar ao resto do mundo como um modelo de como prosperar através da variedade.

Em “What is ‘central’ in central Europe?” (2013), Bauman dá exemplos históricos dessa prosperidade, como a monarquia austro-húngara ou a união polaco-lituana. Para Bauman, a maior riqueza da Europa é a sua diversidade – uma ideia que não é unicamente de Bauman, mas será este o autor utilizado para ilustrar o argumento aqui proposto. O sociólogo polaco sublinha que os Estados e as nações modernas são produtos da mesma constelação histórica, ou seja, ao contrário do que é frequentemente alegado, os Estados europeus não foram precedidos por nações homogêneas. A integração europeia, que terá, de acordo com o autor, nascido numa altura em que os Estados se viam como insuficientes face a desafios contemporâneos da modernidade líquida, precisa de uma missão comum, um estímulo, e esse estímulo deverá ser o de tornar o planeta mais acolhedor para a diversidade, para a capacidade de viver com o *outro*. A Europa, defende, será um laboratório com condições ideais para esse modelo, para a *allgemeine Vereinigung der Menschheit* [unificação universal da Humanidade] de Kant. A Europa, com algumas limitações, terá essa capacidade de não só viver como prosperar, com a diversidade cultural (Bauman, 2013).

Argumentando que, na história da Europa, houve vários momentos em que os Estados se basearam num modelo de multiculturalismo e multinacionalismo, é defendido que a Europa tem a missão, e mesmo o destino, de desenvolver este tipo de sociedade e, conseqüentemente, de se assumir como um ponto de referência para o resto do mundo.

Bauman não é, obviamente, o único autor com esta visão e é utilizado aqui apenas para ilustrar o pensamento por detrás desta ideia de uma Europa como modelo ideal de convivência na diferença. Ideia esta que obriga a levantar algumas questões. Mas, antes de abordar estas questões, proceder-se-á a um maior desenvolvimento da linha de pensamento adotada por Bauman no artigo em questão.

## A MISSÃO EUROPEIA

O autor começa por argumentar que a posição da Europa no contexto global mudou drasticamente. Já não é o ponto de referência para a avaliação, o centro que fez do resto do planeta uma periferia (Bauman, 2013, p. 68). Após uma época em que criou soluções globais para problemas locais com base na reciclagem de outras partes do mundo, a Europa tem agora de inventar soluções geograficamente locais para problemas globais (Bauman, 2013, p. 69). Em suma, Bauman vê o surgimento de uma Europa politicamente unificada, a União Europeia (UE), como o resultado da queda da autoconfiança europeia, o que, por um lado, causou um ressurgimento de sentimentos neo-tribais, mas também a unificação do poder e da política sob a forma de uma federação europeia emergente. Mesmo que a sua concretização seja, muitas vezes, vítima de uma falta de vontade política (Bauman, 2013, p. 70).

Os conceitos de Estado e de nação são, então, definidos de forma contrária à visão nacionalista de que a solidariedade comunitária só existe na conexão entre as dimensões emocionais e jurídico-políticas. Bauman nega completamente esta visão, e dá um exemplo muito simples, mas extremamente ilustrativo, desta conceção: o Estado francês foi precedido por provençais e bretões, não franceses; o Estado alemão por bávaros, saxões ou prussianos, não alemães. Assim, a Nação francesa e o Estado francês foram constituídos no mesmo contexto e, no mesmo instante, criando um dilema ao género da galinha e do ovo (Bauman, 2013, p. 71).

Com o poder do Estado aparentemente em declínio, especialmente no contexto europeu, também não há garantias de sobrevivência das Nações. A União Europeia, defende Bauman, chega exatamente neste momento, quando os europeus se encontram na mesma posição de insuficiência e necessidade de proteção (Bauman, 2013, p. 72). Na visão de Bauman, é necessário um quadro institucional para que haja solidariedade humana a nível europeu, que é o que a UE pretende ser, mesmo que muitas vezes haja falta de vontade política para tal.

O estímulo para esta integração deverá ser um sentido compartilhado de missão coletiva. Incapazes de competir com outras potências mundiais em termos militares ou industriais, esta missão seria, então, a de abrir o caminho para a *allgemeine Vereinigung der Menschheit* [unificação universal da Humanidade] e paz perpétua de Kant, de mostrar como conviver com outros valores e modos de existência (Bauman, 2013, p. 73). Isto seria possível através da exploração do ativo mais valioso da Europa: a sua diversidade e variedade, a coexistência de diferença e diversidade, uma vez que, na Europa, o *outro* é um vizinho do lado (Bauman, 2013, p. 74).

Citando Lionel Jospin, de acordo com quem a Europa aprendeu a viver com a diversidade como algo de permanente e não temporário, Bauman olha para a Europa como um laboratório capaz de desenvolver as ferramentas necessárias para a unificação humana de Kant, e para separar a legitimidade política da soberania territorial (Bauman, 2013, pp. 74-75), isto é, de uma comunidade pós-nacional.

Para entender o estado atual dos mosaicos culturais nas sociedades europeias, três grandes ondas de migração são identificadas: a primeira com base na “missão do homem branco civilizador”, uma segunda causada pela descolonização (Bauman, 2013, p. 76) e, finalmente, o terceiro, o que estamos a vivenciar hoje em dia, e que corresponde à chamada era das diásporas, da globalização, questionando a conexão entre identidade e cidadania (Bauman, 2013, p. 76).

Em conclusão, é neste contexto que Bauman vê o futuro da Europa como dependente desta cultura europeia, baseada na diferença e na sua imperfeita mas crescente capacidade de viver com a diferença cultural. Assim, a “missão” da Europa seria aprender e compartilhar esse *know-how*. Para esta unidade pacífica na diversidade, Bauman recorda experiências históricas vividas na Europa: a monarquia austro-húngara e da União polaco-lituana. Estas memórias compartilhadas na Europa Central, de separação entre identidade comunitária e administração territorial, alega, seriam suficientemente recentes para serem recuperadas e servirem de modelo para a diversidade atual na modernidade líquida (Bauman, 2013, p. 81).

## CULTURAS E TRANSCULTURALIDADE

Ora, como referido, esta ideia da Europa como excelente modelo de prosperidade através da diversidade é não raras vezes difundida e defendida na opinião pública e academia, e mesmo adotada pelas próprias instituições europeias de forma mais ou menos acrítica. Contudo, este argumento levanta algumas sérias questões.

Em primeiro lugar, a criação de um modelo europeu de viver com a diferença pode ou não ser “globalizável”, uma questão que o conceito de sociedade cosmopolita de Ulrich Beck (2002) evidencia. Em segundo lugar, pode mesmo ser perigoso ou reminescente de antigas lógicas imperialistas ver a Europa como detentora de um modelo superior que deve ensinar ao resto do mundo. Em terceiro lugar, e é neste ponto que este texto se foca, a Europa será realmente assim tão capaz de viver e prosperar através da variedade? Bauman refere-se principalmente à diversidade interna, europeia,

mas não só a recente crise económica parece ter sublinhado as dificuldades de viver com a diferença europeia, com antagonismos entre o Norte e o Sul a tomarem conta de muitos discursos (Chalániová, 2014; MacMillan, 2014), como também vários fenómenos e eventos recentes mostram como ainda há muito para fazer a nível da convivência com o outro não-europeu, como é o caso do crescimento de movimentos e partidos de extrema-direita ou anti-imigração em muitos países europeus, cujo crescimento face ao agravamento da crise de refugiados é, infelizmente, expectável.

Do ponto de vista teórico, esta ideia de sociedades que prosperam através da diversidade ecoa em conceitos, muitos dos quais largamente difundidos, de vários outros autores, como o de sociedade cosmopolita de Ulrich Beck (2002) ou de transculturalidade de Wolfgang Welsch (1999). Ambos os conceitos têm contribuições importantes para a possibilidade de criar um tal modelo.

Neste caso, a linha de argumentação irá apoiar-se no conceito de Welsch (1999), tido como conceptualmente interessante pela distinção que faz entre os conceitos de cultura subjacentes a diferentes modelos desta convivência com a diferença.

Wolfgang Welsch (1999) propõe o conceito de transculturalidade como resposta aos modelos de políticas de interculturalidade e multiculturalidade, que terão falhado porque serão baseados numa noção equivocada de cultura. Ambos estes conceitos, argumenta Welsch, são baseados numa visão da cultura como socialmente homogénea, etnicamente consolidada e interculturalmente delimitada. A interculturalidade procura a sua convivência, reconhecimento e compreensão mútuas, e a multiculturalidade a sua convivência no mesmo contexto social – mas ambas veem as culturas como esferas separadas umas das outras.

Ora, de acordo com o autor, as culturas não são nem internamente homogéneas nem externamente delimitadas, tornando inevitavelmente impossível a realização dos modelos de interculturalidade e multiculturalidade.

É importante sublinhar que ambos estes conceitos são operacionalizados por Welsch como modelos apoiados na visão de culturas como esferas delimitadas e homogéneas, não significando isto que os mesmos não sejam, por vezes, utilizados para significar o que Welsch define como transculturalidade. A distinção conceptual de Welsch é aqui utilizada porque permite uma mais clara diferenciação entre estes modelos.

Assim sendo, o autor propõe, então, o conceito de transculturalidade, baseado numa visão das culturas como internamente diferenciadas e complexas, inseridas em redes mundiais e híbridas, tanto do ponto de vista coletivo como individual (Welsch, 1999).

As culturas não são, nem nunca foram, ilhas autónomas, não são nem internamente homogêneas nem delimitadas externamente – uma ideia que não só está errada do ponto de vista descritivo como é normativamente perigosa (Welsch, 1999).

De que forma é que esta crítica do conceito de cultura invalida a possibilidade de colocar em prática os modelos de interculturalidade e multiculturalidade? No caso da interculturalidade, vendo as culturas como ilhas, ou “esferas”, este modelo procura formas de entendimento e reconhecimento entre as mesmas, apesar dessa separação. Contudo, o facto de serem vistas como esferas é incompatível com qualquer tipo de comunicação, impossibilitando qualquer tipo de solução. Quanto à multiculturalidade, da mesma forma que o conceito anterior, procura formas de fazer com que esferas culturais possam viver juntas no mesmo contexto social. Mas, quando são vistas como esferas, o entendimento mútuo ou transgressão das barreiras entre culturas não podem ser alcançados (Welsch, 1999).

A crítica dos dois conceitos leva Welsch a propor a sua solução para a questão conceptual: a adoção da noção de transculturalidade. Transculturalidade, com base no conceito de cultura de Wittgenstein, pressupõe as culturas como diferenciadas e complexas, inseridas em redes externas globais, e híbridas, ou seja, passíveis de integrar elementos de todas as outras culturas (Welsch, 1999). Ao “nível macro”, isto significa que as culturas modernas são internamente diferenciadas e complexas; relacionam-se externamente com as outras, uma vez que, como exemplifica o autor, o modo de vida de um economista, um académico ou um jornalista já não é alemão ou francês, mas sim europeu ou mundial (embora haja enormes desigualdades globais na capacidade de acesso a esta rede); e, finalmente, elas são “híbridas”, já que, na maioria dos países, vivem membros de todos os outros países do planeta. De agora em diante não há mais nada de absolutamente estranho. Tudo está ao nosso alcance. Não há nada que seja exclusivamente “próprio”. A autenticidade tornou-se o folclore, simulado para os outros (Welsch, 1999). A nível individual, as pessoas também são vistas como híbridos, cujas identidades são ligadas umas às outras, independentemente da origem cultural.

O conceito, sublinha o próprio autor, não é, de forma alguma, novo, do ponto de vista histórico. Mas, mesmo que não seja novo, a necessidade deste conceito não é apenas teórica, para ultrapassar os inconvenientes dos conceitos anteriores, mas prática. É uma questão de reajustar a nossa bússola interior: eliminando a polaridade entre o próprio e o *outro* e voltando a atenção para o que pode ser comum (Welsch, 1999).

Embora Bauman use a palavra “multicultural”, a sua compreensão de convivência e prosperidade através da diversidade, está em linha com a ideia das culturas como complexas, misturadas, híbridas. Isto é evidente na sua conceção de nações e estados, não como unidades essencialistas, mas privadas de qualquer tipo de núcleo, sendo meramente construções históricas.

Esta conceção de cultura é a única que permite uma verdadeira convivência baseada na troca e interação. Isto acontece principalmente porque o reconhecimento de um grau de estranheza interna constitui um pré-requisito para a aceitação do estrangeiro externo (Welsch, 1999). O autor faz também questão de sublinhar que transculturalidade não significa que as diferenças deixem de existir. Paralelamente à visão de Bauman da diversidade da Europa como riqueza, Welsch (1999) aponta para um novo tipo de diversidade: a diversidade das diferentes culturas e formas de vida, cada uma decorrente de permeações transculturais.

Neste sentido, a Europa poderia realmente ser vista como o laboratório perfeito, como Bauman argumenta, uma vez que o reconhecimento de europeísmo interno, de características compartilhadas com os outros anteriormente vistos como estrangeiros, pode, até certo ponto, ser observado. No entanto, mesmo se os indivíduos em países europeus reconhecerem o *outro-europeu*, por si só, isso não leva necessariamente a uma compreensão transcultural. Poderia simplesmente ser substituída a ideia da cultura nacional pela de cultura europeia, deixando de lado o *outro-não-europeu* (como, aliás, parece estar a acontecer por detrás de um determinado tipo de discurso contra o acolhimento de refugiados vindos de vários países do chamado Médio Oriente). A Europa só pode servir como um laboratório para a transculturalidade se esta promoção de “emaranhamento” (Welsch, 1999) for construída através da diferença como tal, não apenas através de diferenças de matriz europeia. Especialmente porque as sociedades europeias são, e sempre foram, muito mais internamente complexas do que apenas a miscigenação de “nações europeias”.

Do ponto de vista institucional, estamos realmente a observar uma doação voluntária de soberania do Estado-Nação para um projeto pós-nacional, e pode, discutivelmente, ser argumentado que muitos dos indivíduos pertencentes à União Europeia aceitam a ideia de uma identidade compartilhada com aqueles anteriormente vistos como estrangeiros (com os quais, aliás, estavam em guerra no século passado). No entanto, em primeiro lugar, para um projeto verdadeiramente transcultural ter sucesso, deve ser pensado como *allgemeine Vereinigung der Menschheit* [unificação

universal da Humanidade], ultrapassando o risco de assumir que existe algo como uma esfera essencialista e sólida de cultura europeia.

Claro que, entrelaçadas como são as culturas nas sociedades modernas, e por mais alteridade que exista no que nós pensamos ser a *nossa própria* cultura, é importante notar que nem todos participam igualmente e que alguns referentes culturais têm mais força do que outros. Beck (2002) fá-lo, assim como Massey, que sublinha como género, raça, capital e outros fatores influenciam enormemente como cada indivíduo é capaz de viver a alegada supressão entre tempo e espaço que dá pelo nome de globalização, criando enormes divisões quanto ao poder que cada um tem sobre estas novas possibilidades de movimentação (Massey, 1993, p. 234).

A transculturalidade é vista então, como um modelo normativo aspiracional, já que, como o próprio Welsch (1999) argumenta, esta tendência para uma sociedade mundial é acompanhada, ao mesmo tempo, por um regresso às tribos, com os indivíduos em busca de identidades específicas.

## OS MÉDIA E A TRANSCULTURALIDADE

Uma vez mais, importa sublinhar que o conceito de Welsch não é, de forma alguma, totalmente original ou único. Contudo, representa uma definição clara de um conceito de cultura e identidade cultural que mais se parece aproximar de uma verdadeira possibilidade de reconhecimento da diferença e do outro.

Por esta razão, é a terminologia de Welsch que é utilizada como enquadramento para uma análise empírica desta questão, com foco no contexto da Alemanha. A Alemanha é escolhida como espaço geográfico onde há um exemplo recente claro desta incapacidade de viver com a diferença, o Pegida – *Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes* [europeus patrióticos contra a islamização do Ocidente], um movimento anti-islâmico que tem vindo a organizar vários protestos contra a imigração e contra o acolhimento de refugiados (principalmente vindos de países cuja população é maioritariamente muçulmana), em várias cidades alemãs (The end of tolerance? Anti-Muslim movement rattles Germany, 2014).

A Alemanha é também o espaço geográfico e político onde se tornou famoso o conceito de *multikulti*, multiculturalismo. Popularizou-se com os movimentos de contestação ao nacionalismo, principalmente pelas mãos de partidos verdes e de esquerda nos anos 1980, e regressou à ribalta quando, em 2010, a chanceler Angela Merkel declarou num discurso dirigido à juventude partidária sobre a sociedade multicultural: “esta abordagem para



o “Multikulti” falhou, falhou absolutamente” (Integration: Merkel erklärt Multikulti für gescheitert, 2010).

Para perceber se, de facto, este conceito se coaduna com a visão de culturas contestada por Welsch, este artigo explora de que forma o conceito é utilizado nos média alemães. Do ponto de vista da notícia como produto social e cultural, os média apresentam-se como um ponto de interseção social e cultural especialmente interessante, não como reflexo da mesma, mas como reflexo de complexos processos sociais, económicos e políticos, tendendo a reproduzir as ideologias dominantes numa determinada sociedade (Hall, Chritcher, Jefferson, Clarke & Roberts, 1999).

### CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Através de uma análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1991), aplicada a textos mediáticos, quis-se verificar de que forma é usada a ideia de cultura e de *multikulti*, nos conteúdos disponíveis *online* dos dois jornais diários de maior circulação na Alemanha: *Bild* e *Süddeutsche Zeitung* (SZ). Para além de serem os jornais com mais leitores, representam também diferentes personalidades sociais (Hall et al., 1999), um tablóide e um de referência, respetivamente, permitindo uma abertura a diversas posições sobre o tema.

A análise restringe-se ao ano de 2014, ano de criação do movimento PEGIDA, de forma a concentrar-se no período que, expectavelmente, marcou o debate na opinião pública acerca do tema “culturas”. Para além disso, 2014 foi também ano de eleições europeias, durante as quais um dos temas centrais foi a questão da diversidade cultural e da imigração.

Após identificados os dois jornais diários de maior circulação, foi feita uma pesquisa no motor de busca de cada um dos mesmos, através de palavras-chave que tivessem em conta variações do conceito de multiculturalismo: *multikulturalismus* e *multikulti*, e selecionados os conteúdos publicados em 2014, disponíveis livremente *online*. Destes, foram selecionados os conteúdos considerados mais relevantes para o debate em torno do tema da cultura, retirando-se textos que apenas referiam o termo de passagem, assim como formatos como fotogalerias, o que também justifica a escolha de uma análise qualitativa. Foram incluídos textos de todas as secções, incluindo críticas de cinema e artigos de viagens.

Assim sendo, foram analisados 23 textos, 13 do *Süddeutsche Zeitung* e 10 do *Bild*, e para cada artigo, criado um *memo* de análise, onde são descritos o tema, resumido o conteúdo e categorizado o conceito de cultura utilizado de acordo com a terminologia de Welsch (1999).

## CULTURA E EMPATIA

Após análise dos textos, conclui-se que o conceito de *multikulti* é, com raras exceções, apresentado como algo positivo. As exceções, ambas no *Bild*, são um artigo sobre Akif Pirinçci, escritor de origem turca que defende a assimilação, e uma entrevista com Thilo Sarrazin que critica a crescente influência cultural turca e muçulmana na Alemanha. Em ambos os casos, as culturas são apresentadas como esferas separadas umas das outras.

Os restantes casos, que apresentam o conceito de *multikulti* como positivo, apresentam também, muitas vezes, as culturas como esferas. Contudo, o foco neste trabalho recai sobre os artigos que desafiam esta mesma visão, estando de acordo com o conceito de transculturalidade de Welsch, de forma a apontar o caminho através do qual este modelo poderia ser adotado.

O que há em comum entre os textos que promovem uma ideia de transculturalidade é o facto de serem escritos do ponto de vista de imigrantes, regiões de fronteira ou pessoas com ascendência migrante, e quase sempre no contexto de criação artística, como entrevistas com atores de ascendência turca, ou críticas de filmes que se debruçam sobre o tema. Existem dois casos que ilustram de forma mais paradigmática a possibilidade de adotar a visão transcultural, ambos publicados no *Süddeutsche Zeitung*.

Em primeiro lugar, um artigo, intitulado “Ähnlicher als gedacht” [Mais semelhantes do que esperado] (Katzenberger, 2014) sobre *Böhmische Dörfer*, um documentário sobre as relações entre a Tchetchênia e a Alemanha, focado nas pessoas que vivem nas zonas de fronteira ou de forte interação, onde se pode ler “não será possível que as relações germano-tchetchenas sejam marcadas mais fortemente pelas posições individuais daqueles que são marcados diretamente pelas mesmas do que o que a grande política transmite?” (Katzenberger, 2014).

Evidenciando de forma mais clara ainda esta noção de transculturalidade, foi identificado o artigo “Türkisch für Fortgeschrittene” [Turco para avançados] (Hordych, 2014) sobre Idil Üner, uma atriz de ascendência turca. Üner acaba por retratar sempre personagens estereotipadas da mulher turca, apesar da sua experiência pessoal divergir das narrativas que incorpora. No seu último filme dá voz a uma personagem que assume um papel geralmente reservado a “alemãs”, conferindo maior complexidade ao retrato da “mulher turca” na sociedade alemã. “Se ao menos não houvesse as prateleiras, que estão montadas por todo o lado no nosso Mundo” – é um dos desabafos da atriz no artigo (Hordych, 2014).

Há, também, algumas peças que não são sobre produção artística e que parecem problematizar a questão cultural de forma mais complexa.

Por exemplo, um artigo de opinião que coloca a questão do ponto de vista filosófico (Mau, 2014). Todavia, os artigos sobre produções culturais do ponto de vista dos migrantes ou regiões-fronteira foram os instantes nos quais a possibilidade de transculturalidade pareceu maior. Esta observação levanta uma questão interessante do ponto de vista das potencialidades de ultrapassar o conceito das culturas como esfera através da arte, da produção cultural, que permite o foco nas histórias individuais mais complexas e não na generalização.

### COMPLEXIFICAR A QUESTÃO CULTURAL

É indiscutível a urgência de debater um modelo de, não só convivência, mas prosperidade através da diversidade. Os fluxos migratórios, as pessoas deslocadas, os refugiados sublinham a importância de colocar de lado concepções de culturas como esferas separadas que, na melhor das hipóteses, se podem justapor e conviver lado a lado. Tanto as sociedades como os indivíduos são demasiado complexos e interrelacionados para encaixar nesse modelo. Todavia, este modelo continua a perdurar e tende a agravar-se em momentos de maior exposição ao que são vistas como “outras culturas”, como parece estar a acontecer no atual momento de grande afluxo de refugiados na Europa.

Com base na breve análise efetuada, conclui-se que é possível adotar um discurso baseado na transculturalidade, que ultrapassa o modelo das culturas como esferas e abraça a sua complexidade. Para tal, parece ser crucial a empatia, o adotar do ponto de vista dos migrantes, daqueles que estão na posição estratégica do ponto de vista cultural por se encontrarem no ponto de interseção entre culturas (Gupta & Ferguson, 1992). A produção cultural e artística apresenta-se aqui como espaço privilegiado do ponto de vista da exploração das potencialidades de apresentar uma visão mais complexa destas realidades.

Apesar de não ser uma ideia nova, nem única, uma visão de culturas que permita a verdadeira prosperidade através da diversidade parece ainda não ser a dominante na sociedade. Seria de extrema importância explorar mais a fundo as possibilidades da sua concretização, tanto dentro do contexto europeu a nível interno e externo, como fora do mesmo, e, principalmente, no contexto da denominada “crise dos refugiados” atual. Para além de explorar mais a fundo as formas como podemos realmente potenciar uma visão transcultural de sociedade, seria também de extrema importância desconstruir as restantes duas questões levantadas acerca

desta alegada “missão” europeia de servir como exemplo para o resto do mundo: o verdadeiro potencial de globalizar um modelo europeu e os perigos associados a esta visão de uma Europa missionária.

O que parece ser claro é que uma visão limitada e errada de cultura, mais do que uma falha conceptual, traz consigo consequências práticas e reais, por vezes, de uma violência discursiva, emocional e física que deveria ser inaceitável. A diversidade cultural, vista do ponto de vista transcultural, é um imperativo numa Europa que se quer ver como um exemplo. Mas, para ser verdadeiramente transcultural, tem, obrigatoriamente, de ser mais do que europeia, global, humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bardin, L. (1991). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (2013). What is “central” in central Europe? *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 1, 67-82.
- Beck, U. (2002). The cosmopolitan society and its enemies. *Theory, Culture & Society*, 19(1-2), 17-44. doi: 10.1177/026327640201900101
- Chalániová, D. (2014). Turn the other Greek. How the Eurozone crisis changes the media image of Greeks and what do visual representations of Greeks tell us about european identity? In O. Gyarfasova & K. Liebhart (Eds.), *Constructing and Communicating Europe* (pp. 19-51). Berlim: LIT Verlag.
- Gupta, A. & Ferguson, J. (1992). Beyond “culture”: space, identity, and the politics of difference. *Cultural Anthropology*, 7, 6-23.
- Hall, S.; Chritcher, C.; Jefferson, T.; Clarke, J. & Roberts, B. (1999). A produção social das notícias: o mugging nos media. In N. Traquina (Ed.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (pp. 224-248). Lisboa: Vega Macmillan.
- Integration: Merkel erklärt Multikulti für gescheitert (2010, 16 de outubro). *Spiegel*. Retirado de <https://tinyurl.com/d7fz6mu>
- Macmillan, C. (2014). The return of the Reich? A Gothic tale of Germany and the Eurozone crisis. *Journal of Contemporary European Studies*, 22, 24-38.
- Massey, D. (1993). A global sense of place. In A. Gray & J. McGuigan, *Studying culture: an introductory reader* (pp. 232-240). Londres: Edward Arnold.
- The end of tolerance? Anti-Muslim movement rattles Germany (2014, 21 de dezembro). *Spiegel*. Retirado de <https://tinyurl.com/nwyssg6>

Welsch, W. (1999). Transculturality – the puzzling form of cultures today. In E. M. Lash (Ed.), *Spaces of culture: city, nation, world* (pp. 194-213). Londres: Sage. Retirado de <http://www2.uni-jena.de/welsch/>

## OUTRAS REFERÊNCIAS

PEGIDA (s.d.). Positionspapier der Pegida. Retirado de [ww.i-finger.de/pegida-positionspapier.pdf](http://ww.i-finger.de/pegida-positionspapier.pdf)

## ARTIGOS ANALISADOS

Aleythe, S.; Sonnabend, L. & Schnuck, O. (2014, 3 de setembro). Neue Beine für die Liga. *Süddeutsche Zeitung*. Retirado de <http://www.sueddeutsche.de/sport/grafik-zu-bundesliga-transfers-neue-beine-fuer-die-liga-1.2113043>

Arndt, M. & Aswad, N. (2014, 3 de fevereiro). Multikulti-Rekord für Hamburg. *Bild*. Retirado de <http://www.bild.de/regional/hamburg/einbuergerung/multi-kulti-rekord-fuer-hamburg-34505170.bild.html>

Backes, J. & Marrach, K. (2014, 8 de agosto). Touris: Warum wir sie lieben, brauchen – und nervig finden. *Bild*. Retirado de <http://www.bild.de/regional/berlin/berlin/25-dinge-ueber-touris-37155744.bild.html>

Baier, T. (2014, 24 de outubro). Die Multikulti-Schule. *Süddeutsche Zeitung*. Retirado de <http://www.sueddeutsche.de/bayern/uebergangsklassen-fuer-fluechtlinge-die-multikulti-schule-1.2188043>

Bigalke, S. (2014, 9 de abril). Junge Radikale. *Süddeutsche Zeitung*. Retirado de <http://www.sueddeutsche.de/politik/rechtspopulismus-in-europa-junge-radikale-1.1933058>

Bild (2014, 11 de junho). In Frankfurt dehaam, bei der WM dabei. *Bild*. Retirado de <http://www.bild.de/regional/frankfurt/wm/in-frankfurt-dahaam-bei-der-wm-dabei-36353744.bild.html>

Bild (2014, 7 de Fevereiro). Zu Hause ist seine Frau der Chef. *Bild*. Retirado de <http://www.bild.de/sport/fussball/tayfun-korkut/zu-hause-ist-seine-frau-der-chef-34567636.bild.html>

Gehlen, D. v. (2014, 11 de março). Mehr Vorfreude wagen! *Süddeutsche Zeitung*. Retirado de <http://www.sueddeutsche.de/kultur/zukunftsangst-mehr-vorfreude-wagen-1.1908946>

- Hardenberg, A. (2014, 30 de março). Islam gehört zu uns wie die Reeperbahn nach Mekka. *Bild*. Retirado de <http://www.bild.de/news/inland/islam/islam-gehört-zu-uns-wie-die-reeperbahn-nach-mekka-35281586.bild.html>
- Hordych, H. (2014, 24 de junho). Türkisch für Fortgeschrittene. *Süddeutsche Zeitung*. Retirado de <http://www.sueddeutsche.de/medien/idil-uener-im-portraet-tuerkisch-fuer-fortgeschrittene-1.2012535>
- Hütten, F. & Glotzmann, T. (2014, 23 de setembro). Wir sind die neuen Rechten. *Süddeutsche Zeitung*. Retirado de <http://www.sueddeutsche.de/politik/junge-nationalisten-in-frankreich-wir-sind-die-neuen-rechten-1.2134518>
- Katzenberger, P. (2014, 2 de outubro). Ähnlicher als gedacht. *Süddeutsche Zeitung*. Retirado de <http://www.sueddeutsche.de/muenchen/boehmische-doerfer-im-kino-aehnlicher-als-gedacht-1.2156896>
- Kohlmaier, M. (2014, 28 de fevereiro). Der Dünnhäutige und der Nachfrager. *Süddeutsche Zeitung*. Retirado de <http://www.sueddeutsche.de/medien/afd-sprecher-bernd-lucke-bei-studio-friedman-der-duennhaeutige-und-der-nachfrager-1.1897199>
- Koophamel, A. K. (2014, 17 de setembro). Türkisch für Anfänger in Oberbayern. *Bild*. Retirado de <http://www.bild.de/regional/muenchen/tuerkisch-fuer-anfaenger/tuerkisch-fuer-anfaenger-in-oberbayern-37693838.bild.html>
- Kreye, A. (2014, 5 de dezembro). Die Zukunft wird bunt. *Süddeutsche Zeitung*. Retirado de <http://www.sueddeutsche.de/kultur/nationale-identitaet-die-zukunft-wird-bunt-1.2250180>
- Lord, C. (2014, 11 de março). Ist Max-Planck-Institut Dresdens coolste Firma? *Bild*. Retirado de <http://www.bild.de/regional/dresden/wissenschaftler/dresdens-coolste-firma-35019870.bild.html>
- Mau, S. (2014, 14 de fevereiro). Angst vor den Schmarotzern. *Süddeutsche Zeitung*. Retirado de <http://www.sueddeutsche.de/politik/arbeitsmigration-in-europa-angst-vor-den-schmarotzern-1.1888474>
- Mutius, F. C. (2014, 3 de junho). Meine Wurzeln im Regenwald – meine Museen aus der Milchstraße. *Bild*. Retirado de <http://www.bild.de/regional/muenchen/schriftstellerin/meine-wurzeln-im-regenwald-36234346.bild.html>
- Roßmann, R. (2014, 20 de setembro). Paul statt Philipp. *Süddeutsche Zeitung*. Retirado de <http://www.sueddeutsche.de/politik/fuehrungswechsel-bei-der-ju-paul-statt-philipp-1.2138688>

- Sarrazin, T. (2014, 28 de Fevereiro). “Zornbebende Berseker“ – Was meine Gegner am meisten aufregte. *Bild*. Retirado de <http://www.bild.de/politik/inland/thilo-sarrazin/was-meine-gegner-am-meisten-aufregte-34875492.bild.html>
- Schönburg, A. v. (2014, 11 de maio). Was dieser Sieg über Europa sagt. *Bild*. Retirado de <http://www.bild.de/unterhaltung/musik/eurovision-song-contest/was-conchitas-sieg-ueber-europa-sagt-35922744.bild.html>
- Süddeutsche Zeitung (2014, 26 de maio). Das sind die Europaskeptiker. *Süddeutsche Zeitung*. Retirado de <http://www.sueddeutsche.de/politik/populismus-in-europa-das-sind-die-europaskeptiker-1.1933410>
- Vahabzadeh, S. (2014, 24 de julho). Alles so schön bunt hier. *Süddeutsche Zeitung*. Retirado de <http://jetzt.sueddeutsche.de/texte/anzeigen/565688/Alles-so-schoen-bunt-hier>

Citação:

Himmel, R. (2017). Transcender a cultura: poderá a Europa ser um modelo de convivência através da diferença? In R. Ribeiro, V. de Sousa & S. Khan (Eds.), *A Europa no mundo e o mundo na Europa: crise e identidade*. Livro de atas (pp. 25-39). Braga: CECS.